

7 POST-SCRIPTUM

Ainda não analisei os últimos anos. Voltei para o Brasil em Maio de 1971 e esperava fazer A Menina Morta e viver feliz com Rosinha. Ela exigia o filme e estava em crise, me repulsando (sic). A rejeição (sic) foi geral sobretudo por causa da crítica contra o cinema novo desencadeada pelas vanguardas de um lado, do rigor da luta armada, do outro, da minha divisão entre indivíduo do sistema observado por direita, esquerda e centro, o fracasso crítico e comercial dos meus dois últimos filmes “O Leão de 7 Cabeças” e “Cabeças Cortadas”, a pobreza no Rio de Janeiro, a frequência grilada no Pasquim, a droga, a separação da Rosinha, a viagem à Bahia, a paixão por Angela, a descoberta de Letícia, amizade com Tarso, a compra da casa, Miguel, Suzana, Joaquim, Paloma, Tom, Roberto Pires, Barreto, contatos com Passarinho, Embrafilme, psicanálise com Ivan Ribeiro que me abriu os caminhos da estória, segundo ele me disse. Esta liberação contínua de símbolos do inconsciente, o sonho dia e noite e a carência afetiva me levaram para Nova York (sic), onde me instalei no Loft do Bouvery com Fabiano, um homossexual, e mantive relações amorosas com Carla, Antonia, Cathy, Andres, Gerschman até que um dia de Santiago me escreve Danillo Trelles me chamando para ir fazer um filme no Chile.

(...)

No Chile logo encontrei a esquerda armada exilada e rancorosa. Ninguém se entendia. O radicalismo exacerbado, a arrogância, o romantismo, a necessidade de ternura daquela gente e ao mesmo tempo seu heróico rigor trágico me levaram a um isolamento com Norma Bengell, que lá estava filmando com Pierre Kast e uma equipe internacional. (...) Mas eu estava louco: estremei de Malaria no Carrera Sheraton, fiz uma carta manifesto radical a Alfredo Guevara, assumi publicamente minha cara revolucionária, esculhambei (sic) em entrevistas gerais no mundo a ditadura. Medici e o imperialismo, voei de Buenos Aires a Paris, de Paris a Londres, onde reencontrei Paloma que lá estava com Helena e Rogério. Fiquei na casa de Caetano tentando decifrar os mistérios da tropicália. Curti num Festival ripi quatro dias relaxados e furiosos.

(...) descida a Buenos Aires, Montevideo, e Punta del Este, onde revejo a família e transo com Jango, depois do encontro em Montevideo transado por Darcy. Brizzola, Darcy no Peru, Viagem Inca, Machupichu, Colômbia, Bogotá, Paula, Barranquilla, Cartagena. Simon Bolivar, quase caio na alfândega, Panamá, México, vômito, repessoas, Nova York, Fabiano, Paulo Francis, João Gilberto, Vera, Joãozinho, Dan, Rodi, Bia, os brasileiros. (...) Andy regeita (sic) o roteiro de A Idade da Terra, Roma com um resto de dinheiro dos dez mil dólares do roteiro, casa de barcellona, começar a escrever o texto, Martine, as relações liberadas, grande estouro, refluxo, golpe no Chile (sic), (...)

(...) fecho o contrato com a raí para escrever o nascimento dos deuses e venho morar na residência ripa (sic), onde escrevi já os três primeiros capítulos. Bernadet, a chegada de Paloma que transcorreu Fevereiro numa paz de espírito interrompida de desejos incestuosos reprimidos de ambos as partes, mas tudo bem transcendido numa suave atmosfera de compreensão onde disse a ela algumas coisas que me pareciam importante ela saber, sem exercer a menor pressão. (...)

(...) Suzana me deu o colar quando parti. este colar me acompanhou partout e foi acrescentada (sic) de uma estrela de david. agora, antes da partida de Paloma, temendo acidentes, penso em dar o colar a Suzana, isto é, o colar de Suzana a Paloma a fim de que ela faça boa viagem mas fico com medo de me perder sem o colar. Mas se o ciclo se encerra, devo passar o colar a Paloma, como uma transferência de poderes. ela será a regente. renuncio a tudo para fazer a viagem à antiguidade. Se a morte ronda que seja a mim e não a ela, inclusive porque sei mágica e guerra para me defender.

(...) ficarei só neste apartamento trabalhando como nunca o mês de março e enfrentando abril mais cruel dos meses, gerando lilazes (sic). (...) vontade de voltar para o Brasil, tédio daquela vida que só tem sentido se for no poder revolucionário, a Europa velha, pobre, podre, triste, os Estados Unidos rachados como a velha Grécia, a morte de Kennedy e a sovietação de Fidel, a descoberta de nossos contemporâneos, a fama facilita a vida, o dinheiro é duro pra se conquistar, por isto se mata pra pilhar, devo trabalhar numa só coisa, concentrado, e isto dever ser terminar história do Brasil e filmar o nascimento dos deuses. nada mais me desvia. são quatro anos sem produzir nada, girando pelo mundo como uma barata tonta, aumento da lucidez e da cultura, emagrecimento, regularização da vida afetiva e sexual, recuperação de uma visão crítica radical, redução, precisão, uma consciência militar, a busca de um equilíbrio intenso entre inteligência e sentimento, arte, amor, serenidade.

Revi o Brasil. Revi minha estória e revi a História pelo mundo. Revendo a História pelo mundo, universalizei (sic) minha história. Resta escrever o livro sobre minha experiência, mas este é um trabalho longo que exige restabelecimento de todos meus textos, é o estudo de uma época, os anos 50,60 e 70 no Brasil, e preciso concluir a viagem cinematográfica a fim de escrever o que será uma obra de antropologia. A ciência requer estudo e tempo de meditação. Sou soldado – isto é, cineasta – e filósofo. A obra escrita virá depois da obra filmada, que me dará a compreensão totalizada dos fenômenos.

Luz e Ação deve ser a história de um sertanejo de Vitória da Conquista que chegou á compreensão científica do mundo e a exprimiu em cinema, e letras e política. Estou ainda na fase do cinema e a crise foi provocada pelo barraneto (sic), passagem da metáfora pura de cabeças cortadas à metáfora historicizada da história do Brasil. Antes eu tinha uma relação sensível com o mundo e minha razão atuava para esclarecer o processo histórico dentro do caos. isto se manteve até leão e cabeças. em leão o esclarecimento histórico desvendou a matéria ficcional burguesa e apareceram os significados puros do texto. O mesmo em Cabeças. História é uma leitura da imagem por um texto articulado. Eis aí este sambinha, feito de uma nota só, quem souber mais coisas que diga melhor. Em o nascimento dos Deuses é a materialização da antiguidade através de seus fatos históricos fundamentais. E uma dramaturgia da História, os homens são causas e agentes, de-

terminam e reagem com enviados diretos dos deuses que se troublam (sic) nas dificuldades terrestres e sofrem da crise que se bate sobre os Deuses. A Ira de Zeus. Se me proponho a filmar Ciro, Hercules, Alexandre, tenho de trabalhar nesta máquina de escrever como se estivesse numa destas terríveis batalhas. Para compreendê-los e dominá-los tenho de fazer um esforço intelectual que jamais fiz. Será minha liberação. E será no mês de março, mês do meu nascimento, nos dias (sic) quinze que precedem, tomada da posse de Geisel, e nos dias que sucedem, fechando as águas. Farei um jejum quase absoluto.

(...) por que quero Paloma chegará viva e para isso levará meu colar porque já nasceu. Cortei como perseu as sete cabeças do dragão, matei dragão, renasceu com sete cabeças. a luta foi difícil, antonio das mortes, paulo martins ressuscitado em Pablo, mas se fez a unidade de barnc (sic) com negros armados no terceiro mundo. depois do filme de irrupção ideológica, carregado de afetividade, surgem os filmes da didática épica, que não é uma recusa do modelo anterior mas um desenvolvimento do projeto no sentido de explorar o inconsciente e dialetizar a razão. Conhecendo os intelectuais do mundo sei que não estou em situação desastrosa. Esta volta ao mundo tanta vezes antecipada agora se completa na Ásia. As pessoas que eu conheço estão voltadas para esta aventura internacional. É desta sementeira que nascem frutos.

(...) E depois de evocar tudo isto e de ver que na verdade o estudo me exigiu um zero produtivo, sintomaticamente ressurjo com dois filmes, “História do Brasil” – da europa ao brasil ao mundo – através do documentário, primeiro trabalho mundial de historiografia cinematográfica que virá seriamente introduzido, e um trabalho histórico televisivo. depois a idade da terra, depois o livro, e depois a disponibilidade diante da vida. É um programa de mais quatro anos, e o que foi perdido em estudo aparecerá em produção. Tenho confiança em mim, continuarei a fazer filmes, minhas idéias estão sólidas. O resto é bagaço. vou passear com Paloma e tirar fotografias. beijos, buru.

Escolhi o texto acima – inédito e recolhido no Tempo Glauber pela Prof^a. Marília Rothier Cardoso¹ – para encerrar esta tese, pois evidencia a estética glauberiana articulada com a proposta do Maio de 68 francês, que se pretendeu discutir aqui. Para nomear estas considerações finais, escolhi a fórmula convencional dos acréscimos à correspondência, propositalmente e apesar de não ser um “último texto” de Glauber. Acresce que esse escrito peculiar fica a meio caminho entre o diário e a carta – a confissão íntima e a comunicação ao outro – indicando o cruzamento múltiplo que o artista procurava ocupar, agregando potência a seu pensamento.

Mesmo propondo uma espécie de análise dos “últimos anos”, o que poderia dar às suas reflexões uma conotação de “post-scriptum”, o cineasta, ao mesmo tempo em que revê seus feitos e fracassos:

A rejeição (sic) foi geral sobretudo por causa da crítica contra o cinema novo desencadeada pelas vanguardas de um lado, do rigor da luta armada, do outro, da minha divisão entre indivíduo do sistema observado por direita, esquerda e centro, o fracasso crítico e comercial dos meus dois últimos filmes “O Leão de 7 Cabeças” e “Cabeças Cortadas”, a pobreza no Rio de Janeiro, a frequência grilada no Pasquim, a droga, a separação da Rosinha, a viagem à Bahia, a paixão por Angela, a descoberta de Letícia, amizade com Tarso, a compra da casa;

faz planos para o futuro:

(...) E depois de evocar tudo isto e de ver que na verdade o estudo me exigiu um zero produtivo, sintomaticamente ressurjo com dois filmes, “História do Brasil” – da europa ao brasil ao mundo – através do documentário, primeiro trabalho mundial de historiografia cinematográfica que virá seriamente introduzido, e um trabalho histórico televisivo. depois a idade da terra, depois o livro, e depois a disponibilidade diante da vida.

04/4/1968 – États-Unis -

Martin Luther King é assassinado. Rebeliões sangrentas em cem cidades americanas (46 mortos). A luta pelos direitos civis dos negros, inaugurada pela marcha da paz do pastor King, em agosto de 1963, a partir daí, pegará em armas.

Luvras pretas e punhos cerrados dos Black Panthers.

Como em um devir – cuja manifestação em “estado puro”, segundo Deleuze, pôde-se ver em Maio de 68 –, em Glauber, não há fim. Nem mesmo quando ele afirmou que sua relação com o cinema tinha acabado em Veneza, no episódio do Festival de 1980, no qual *A idade da Terra* não foi premiado: “Aproveito para dar um adeus definitivo à vida cultural brasileira. Vocês não me verão mais. Nunca”. Como mostrado em *Scène 3*, no final de dezembro, três meses depois de Veneza, Glauber já falava no filme *O império de Napoleão*, que pretendia produzir no ano seguinte.

Ainda que vomite, tenha febre alta, fique doente numa Roma, que considera fedida, cheia de marginais e suja, ou que permaneça em Sintra por achar que é “um belo lugar para morrer”, Glauber, mesmo dilacerado, sempre recebe os deuses do veneno que lhe ensinam os caminhos da mágica floresta negra, onde possui a deusa do veneno Kurarya e deste amor nascem para ele “as cachoeiras da saúde”.

Em Glauber, há “disponibilidade diante da vida”, há devir: “Embora não considere uma IMAGEM TRÁGICA – aos 42 anos encontro-me pobre, doente, perseguido e em grande FASE CRIATIVA – daí ao enfarte, ao câncer, ao assassinato (see John Lennon). Mas como o velho Cavalcanti está aqui aos 83 anos, eu espero resistir”². Ele sabia que: “Até os fracassos fazem parte do plano” (Deleuze, Guattari, 1997, p. 35). Entendeu que “a única chance dos homens está no devir-revolucionário, o único movimento capaz de esconjurar a vergonha ou responder ao intolerável”³. E, na esperança de resistir, insurgiu-se encarnando, na visão de Deleuze, a composição do cinema revolucionário nos países do Terceiro Mundo. Glauber captou a distensão máxima da carne faminta de um corpo fílmico até a sua dilaceração, surgindo assim um corpo se órgãos.

11/4/1968 – Allemagne -

Atentado contra Rudi Dutschke, líder do partido de esquerda radical SDS.

Em seu nome, os estudantes protestam, a partir de 1967, contra a “universidade burguesa” e a guerra do Vietnam.

Num cinema feito máquina de guerra, ele levou câmeras em transe para o campo de batalha. A resistência à interpretação como sua principal estratégia: o filme *A idade da Terra* não pode “ser contado, só da para ser visto”. Glauber inventou outra tessitura para o imbricado do cinema tradicional e das nossas próprias vidas, escapando de uma perspectiva documental e representativa. Diante de eventos históricos, ele não se contentou em apenas prestar testemunho, relatando o que aconteceu e dando atenção às necessidades dos fantasmas, mas deu atenção, sobretudo, às necessidades das pessoas de hoje – um hoje que “não tem outro presente senão o do instante móvel que o representa, sempre desdobrado em passado-futuro” (Deleuze, 2000, p. 177). Para ele, além do conhecimento da história, é preciso o entendimento da arte, não pela razão, mas pela criação de perceptos, que não é outra coisa senão o exercício de uma política da arte⁴.

Na trajetória de Glauber, onde obra e vida afetam-se mutuamente – portanto, um cinema dilacerado significa uma vida dilacerada, e vice-versa, não importando a ordem dos fatores –, a questão do político sempre esteve presente. Na cama do hospital de Lisboa escarrou o que foi seu último manifesto, mas não o fim. Ele dera para Paloma o colar que ganhara da filha de Vinícius de Moraes, Suzana, quando partira para o exílio, e que o acompanhara “partout”. A intenção, apesar do medo de se perder sem o colar, era que a filha fizesse uma boa viagem [de Paris para o Rio]: “Mas se o ciclo se encerra, devo passar o colar a Paloma, como uma transferência de poderes. ela será a regente”. Propõe-se entender aqui o colar não como transmissão de uma herança, mas como símbolo de uma aliança, já que vida e obra de Glauber estão no registro do devir revolucionário: “O devir não é uma evolução, pelo menos não uma evolução por descendência e filiação. O devir não produz nada por filiação; toda filiação é imaginária. O devir é

Mars/1968 – Tchecoslovaquia -

Alexandre Dubcek assume a liderança do partido Comunista em janeiro de 1968, pretendendo “dar ao socialismo uma faceta humanitária”. Com o apoio dos artistas dissidentes, ele inaugura a “Primavera de Praga”, restabelece a liberdade de impressão e de assembleias. Isso foi demais para Moscou. Em 21 de agosto, os tanques soviéticos entram em Praga e ocupam o país.

sempre de outra ordem que a ordem da filiação. Ele pertence à aliança” (Deleuze, Guattari, 1997, p. 19). E explica Eduardo Viveiros de Castro: “A aliança é o modo de devir-outro próprio ao parentesco”⁵.

Como aliada de Glauber Rocha, em 2007, 27 anos depois do lançamento de *A idade da Terra* no Festival de Veneza, Paloma foi convidada, numa espécie de homenagem italiana ao cineasta, a levar este filme ao mesmo festival e também o documentário *Anabazys*, dirigido por ela e Joel Pizzini, que investiga as motivações estéticas e políticas que inspiraram a realização da primeira produção. A crítica cinematográfica em geral entendeu o ato como uma retratação de Veneza em relação a Glauber.

E, então, volto à conferência de Derrida, no MoMa em Nova York, na inauguração da primeira grande exposição mundial das pinturas e dos desenhos de Antonin Artaud, e me aproprio das questões⁶ levantadas pelo filósofo transferindo-as a minha maneira para o evento de exibição de *A idade da Terra* no Festival de Veneza de 2007: O que significa exibir *A idade da Terra* numa “instituição” contra a qual Glauber se insurgiu justamente por causa deste filme? O que essa “instituição” faz a Glauber quando o celebra, o canoniza, o legitima? O que acontece com essa “instituição”, quando ela é atravessada, incendiada pelo filme *A idade da Terra*?

Pensando neste “duplo movimento de um *faire* [fazer], de uma *facture* [feitura]” (LAGE, s/d), que Derrida chama de “coup” [golpe, pancada](cf. LAGE, s/d), pode-se dizer que mais importante do que ganhar ou perder, no Festival de Veneza de 1980, é o fato de *A idade da Terra* ter atuado como intercessor, no

30/1/1968 – Vietnam -

Ofensiva do Tet: o Viet Cong faz ataques em todas as cidades. A Saigon, 19 combatentes ocupam a embaixada dos Estados- Unidos.

A contra-ofensiva massacra os revolucionários (300 mil mortes). Mas as imagens do evento rodam o mundo. Simbolicamente, a causa dos Estados Unidos no Vietnam é perdida.

sentido deleuziano, ou seja, de propiciador das condições para o pensamento sair da imobilidade. A manifestação que Glauber promoveu no Lido sobrepujou o resultado do festival. E foi justamente isso que gerou a potência necessária para Glauber voltar a Veneza em 2007.

A explicação para isso? Ele mesmo dá em seu poema lido por Norma Bengell, de joelhos no palco do Canecão, onde, menos de um mês depois de sua morte, artistas cariocas e de outros estados fizeram um espetáculo em sua memória:

Não morri na cruz de Sexta-feira da Paixão
 e depois do terremoto segui minha volta pelo mundo
 E esta é a terceira e definitiva.
 Do Palácio Rio Branco raiará a luz do mundo antes do século 3.
 O rei da morte será o rei da vida
 o povo pobre será o povo rico
 a cruz desaparecerá e os símbolos serão infinitos.
 Se o homem continuar a comer os bichos
 os bichos comerão os homens.
 A mulher é a terra. O homem, o cosmos.
 O homem fecunda o ventre da mulher.
 Nove meses depois nascem as flores do mais sagrado fruto da natureza.
 O povo estará unido em torno do grande pajé,
 espelho de Deus.

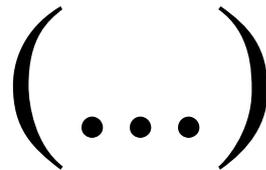
Avril/1968 – Chine -

A “Revolução Cultural” acontece a partir de 1966.

A universidade de Tsinghua (Pequim) é o centro do movimento. De abril a junho de 1968 acontecem lutas armadas entre estudantes sectários, a guarda vermelha e trabalhadores, todos agindo em nome de Mao.

E os signos conjugados criarão o horóscopo
Sem destino.
Querer é poder
E assim guiarei as doze tribos
em direção ao Inferno.
E das cinzas do Inferno nascerá o Paraíso⁷.

Então, se poderá dizer que não ajoelhou e rezou com Glauber uma missa
bárbara em sua catedral cinematográfica? Eu não posso. Ajoelhei e rezei.



D E R N I E R P L A N

D E L A T H È S E

**Muita coisa aqui é ficção,
*mas levou-me perto do real.***

NOTAS

¹ O texto foi transcrito por Marília e reproduzido aqui tentando ser fiel à redação de Glauber, ou seja, com a pontuação feita por ele e mantendo o uso de letras minúscula, aleatoriamente, no início das frases e em substantivos próprios.

² Em carta a Celso Amorim, de Paris em 29-30/ dezembro de 1980 in: ROCHA, Glauber. *Cartas ao mundo* / Glauber Rocha; organização Ivana Bentes. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

³ In: “O devir revolucionário e as criações políticas” – Entrevista de Gilles Deleuze a Toni Negri (Tradução: João H. Costa Vargas) – Revista “Novos estudos” – nº 28 – outubro de 1990.

⁴ Cf. BADIOU, Alain. “Existe-t-il quelque chose comme une politique deleuzienne?”. In: *Revue Cités 40*, Paris: PUF, 2009.

⁵ “Filiação intensiva e aliança demoníaca”, in: Revista *Novos estudos* - 77, março, 2007.

⁶ Cf. LAGE, André Silveira. “Artaud, Le Moma, de Jacques Derrida”.
http://www.lettras.ufmg.br/poslit/08_publicacoes_pgs/Em%20Tese%2014/TEXT0%202.pdf

⁷ GOMES, José Carlos Teixeira, 1997, p. 518.